

Igrejas Cristãs em Tempos de Massacres: Reflexões sobre os Adventistas do Sétimo Dia e o Holocausto na Europa

Christian Churches in Times of Massacres: Reflections on Seventh-day Adventists and the Holocaust in Europe

César Martins de Souza*

Resumo

A ascensão do Partido Nazista, com Hitler no centro do poder, trouxe profundas transformações à Alemanha na década de 1930. Os nazistas perseguiram diversos grupos em um período marcado por políticas voltadas para a realização de massacres em massa, fazendo com que a população passasse a conviver cotidianamente com as mortes. A análise de fontes históricas, como o Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia, de reportagens presentes na Revista Adventista e na Adventist News Network, bem como livros de autores adventistas e das crenças fundamentais da igreja, nos permite refletir sobre como algumas lideranças e membros desta igreja agiram em meio ao horror, quando todas as crenças são colocadas em xeque. O estudo sobre os adventistas abre possibilidades para refletir sobre o papel e a influência das igrejas cristãs ante um regime voltado para a morte, como o de Hitler, pois as memórias do período um dia batem às suas portas, obrigando a explicar o que fizeram ou não nestes tempos.

Palavras-chave: Igreja Adventista. Holocausto. Segunda Guerra. Cristianismo.

Abstract

The rise of the Nazi Party, with Hitler at the center of power, brought profound changes to Germany in the 1930s. The Nazis persecuted various groups in a period marked by policies aimed at carrying out massacres in mass, causing the population to live with the deaths on a daily basis. The analysis from historical sources of the Seventh-day Adventist Church Manual, reports in the Adventist Magazine and Adventist News Network, as well as books by Adventist authors and the church's fundamental beliefs, allow us to reflect how some leaders and members of this church acted in the midst of the horror, when all beliefs are called into question. The study of Adventists opens possibilities to reflect on the role and influence of Christian churches in a regime aimed at death, such as Hitler's, as memories of the period one-day knock on their doors, forcing them to explain what they did or not did in these times.

Keywords: Adventist Church. Holocaust. Second war. Christianity.

Artigo submetido em 27 de julho de 2021 e aprovado em 31 de julho de 2025.

* Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Antropologia/UFPA. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia e do Campus de Bragança, ambos da UFPA. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-4530-4844. E-mail: cesarmartinsouza@gmail.com.

Introdução

O historiador estadunidense Robert Darnton (1990) afirma haver momentos da História que fazem os eventos se assemelharem a sonhos e, ao estudá-los, é como se estivéssemos mergulhando em universos ficcionais. Quando regressamos aos acontecimentos na Europa, sobretudo na Alemanha das décadas de 1930 e 1940, parece que estamos revivendo não sonhos, mas pesadelos terríveis em que parcelas consideráveis da população aderiram a um regime que, como afirma Cangi (2003), fixou em nossas mentes imagens que se assemelham ficção, por conterem atrocidades relacionadas ao racismo, assassinatos em massa, genocídios e de outras práticas de discriminação e extermínio enquanto políticas de Estado.

Não foi um pesadelo ou ficção que conduziram Adolf Hitler ao cargo de chanceler, o mais alto na política da Alemanha, e com ele personagens como Goebbels, Göring, Mengele e tantos outros nazistas. Foram os movimentos políticos e populares desencadeados pela ação humana, em um paciente jogo de forças e coalizões que resultaram em diversas vitórias e derrotas até conduzirem os nazistas ao poder, com seus discursos de ódio e racismo, reforçando a análise de Arendt (1999) sobre a banalidade do mal nas sociedades.

Ao problematizar o tema, Vattimo (2009) afirma que, quando uma sociedade pensa que a política consiste em afirmar e defender uma “verdade” como se fosse algo religioso, abre-se um grande espaço rumo à construção do autoritarismo e do totalitarismo. Isso ocorre porque a multiplicidade de visões, ideologias, crenças e modos de vida existentes nas sociedades é subvertida em favor de um único caminho, no qual todos são obrigados a se adequar.

Zizek (2013) acredita que, em um mundo marcado por uma multiplicidade de visões e possibilidades, o nazismo conseguiu alcançar um público que sente a necessidade de um caminho e uma referência para seguir, para dar algum tipo de sentido às suas vidas. Ficaria assim aberto o caminho para o surgimento discursivo de uma “verdade”, como algo que explica toda a realidade, criando o lado “certo” (nós) e o “errado” (os outros), a partir de uma liderança política que assume discursos agressivos contra os opositores, colocados na condição de

inimigos do país. Esta prática se constituiu em um forte elemento para a conquista do apoio de uma parcela significativa da população e, ao mesmo tempo, para pavimentar o caminho que leva à construção do totalitarismo e do horror de Estado.

Para Evans (2018), foram tempos em que o judiciário sofreu intervenções e diversas formas de intimidação e foi diversas vezes acusado pelos líderes nazistas de agir contra os interesses do povo alemão. Os nazistas estendiam também suas críticas contra todas as formas de oposição ou divergência presentes no parlamento. Na visão do autor, ambos os poderes sofriam com a violência das milícias paramilitares que se constituíam na base de sustentação de Hitler que defendia armar seus apoiadores civis, transformados em milicianos, para que eles “defendessem” o povo alemão, o que se traduzia por agir contra toda e qualquer tentativa de oposição ou de pensamento divergente (Evans, 2018).

Diversas forças, como a *Schutzstaffel*¹ (SS), a Gestapo² e a Juventude Hitlerista³ foram criadas e aparelhadas pelos nazistas para que aterrorizassem a população. “Os contingentes de paramilitares nazistas não paravam de aumentar, na mesma medida em que crescia sua confiança, e esses milicianos iniciaram uma guerra de fricção local contra os comunistas” (Evans, 2018, p. 67) e os outros opositores, pois estavam prontos para defender os discursos de Hitler e de seus ministros, independentemente do conteúdo.

Nesse cenário, é importante problematizar o papel das diferentes instituições existentes na sociedade, como as igrejas cristãs – seja institucionalmente, seja por meio de seus fiéis. As igrejas cristãs lidam com crenças e podem dialogar e até mesmo influenciar sobre questões relevantes para a sociedade, por isso é importante buscar compreender a atuação delas durante eventos traumáticos, como o Holocausto.

O presente estudo sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) não

¹ Em tradução livre para língua portuguesa: Tropa de choque. A SS se constituía em uma milícia civil, chefiada por Heinrich Himmler, com a função de proteger os nazistas, bem como vigiar e aterrorizar a população a partir de ações violentas.

² A Gestapo, abreviatura de *Geheime Staatspolizei*, foi criada pelos nazistas, sob a chefia de Hermann Göring, como a Polícia Secreta da Alemanha e se constituía em uma das principais forças da base hitlerista.

³ A Juventude Hitlerista era uma instituição de ingresso obrigatório para crianças e adolescentes alemães, que tinha a função de doutrinar na lógica nazista.

pretende esgotar a análise sobre um problema tão complexo, mas buscar compreender como alguns setores da igreja definiram como proceder e possivelmente orientar seus adeptos (chamados internamente de membros) em tempos tão difíceis. Assim, para este artigo se analisou livros e artigos a respeito do tema, bem como artigos e ensaios produzidos por autores ligados à IASD e reconhecidos por ela, e textos de órgãos oficiais da igreja, como da Adventist News Network (ANN), da Revista Adventista, o Manual da IASD, as crenças fundamentais da IASD e as Declarações da IASD sobre diversos temas.

O método utilizado no artigo é o indiciário, como do historiador Carlo Ginzburg (1989), no qual se recorre às fontes não como contendo alguma verdade incontestável, mas como provas e possibilidades que exigem o exercício de interpretação sobre a documentação para compreender os eventos. A análise passa, portanto, em reunir os documentos que foram encontrados entre os anos de 2016 e 2021 em arquivos virtuais, de Museus, de documentos da Igreja Adventista e de imprensa, como indícios para entender dinâmicas sociais complexas. Esses indícios foram reunidos a diversas referências (nem todas presentes nesse texto), com o intuito de lançar um olhar sobre outro tempo, o Entre Guerras e a Segunda Guerra Mundial e enxergar as possibilidades analíticas sobre este momento importante para a humanidade.

Busca-se compreender a visão da igreja sobre sua própria atuação durante a Segunda Guerra, sobretudo na Alemanha, posto que corajosamente reconheceu alguns erros cometidos por ela enquanto instituição cristã e também exalta as memórias de alguns de seus membros que colocaram suas vidas em risco para salvar pessoas dos massacres nazistas.

A análise sobre a IASD frente ao Holocausto visa construir um estudo de caso, para refletir sobre o papel das igrejas cristãs, bem como sobre suas atuações em momentos traumáticos da História para que se tenha um material que possibilite pensar sobre outras possibilidades em outras temporalidades. No site oficial da IASD *Notícias adventistas*, Martin (2019) afirma que para os cristãos é importante serem lembrados por estar do lado certo da História, com discernimento suficiente para se colocarem ao lado daqueles que, por exemplo, arriscaram-se para salvar judeus do Holocausto. Vattimo (2009) considera que o

“lado certo” não deve ser entendido como a Verdade política de um tempo (pois abriria caminho para reinterpretações ideologizadas elaboradas *a posteriori* sobre os acontecimentos), mas enquanto um pensar e agir que valorize a ética e a vida humana.

1 Tempos de Horror

Durante a ditadura nazista de Hitler, o pensamento divergente do seu e/ou de oposição foi discursivamente enquadrado como inimigo do povo e antipatriótico, de forma que as outras forças nazistas, oficiais ou não, eram utilizadas como forma de intimidar, através de práticas de coação, como ameaças, torturas ou até mesmo massacres que eram produzidos periodicamente enquanto elemento de intimidação, dentro da perigosa e violenta lógica nazista de que “a Alemanha era tudo; o indivíduo nada” (Evans, 2018, p. 154). Este discurso era utilizado para atropelar os direitos dos sujeitos e grupos do país em nome de um suposto amor à pátria que na verdade se constituía em ideologia para angariar, geralmente à força, algum tipo de legitimação.

Vattimo (2009) afirma que a verdade como uma via política de mão única que se vale de um discurso supostamente baseado nas tradições nacionais e na moral cristã, como um ideal a ser alcançado, é utilizada por líderes e partidos políticos para perseguir a diversidade étnica e sociocultural, na construção de regimes autoritários e totalitários.

Em Munique e depois em Berlim, antes da Segunda Guerra, escritores, pintores, escultores, cineastas e outros artistas de todo o mundo se reuniam com frequência em eventos que muitas vezes promoviam apresentações e manifestações que fugiam aos padrões mais conservadores da sociedade (Gay, 2009). Logo, a República de Weimar passou a ser vista por setores mais conservadores como um tempo em que mudanças contrárias aos valores tradicionais estariam levando o país à ruína econômica, social e moral e que poderia colocar em risco as famílias de toda a sociedade. O Ministro da Propaganda de Hitler e um dos principais ideólogos do nazismo, Joseph Goebbels, “considerava Berlim, um antro de iniquidade” (Evans, 2018, p. 65).

A evocação ao problema da perda da tradição e de uma suposta falta de moralidade funcionavam como base ideológica para amealhar apoios, visto que diversos setores, inclusive cristãos, viam-se incomodados com as mudanças culturais recentemente vivenciadas.

Se o cristianismo é baseado no direito dos indivíduos de fazerem suas próprias escolhas e decidirem ou não pela crença em Deus e nos princípios que advém desta decisão, como afirma Tillich (2004), e se a liberdade religiosa é um valor fundamental para os seres humanos, como defende a IASD (Martin, 2019; Manual, 2011), então quando uma igreja cristã faz algum tipo de acordo para encontrar caminhos para alguma forma de imposição de suas crenças, há uma crise de paradigmas sendo construída.

A tentativa de uniformizar a sociedade, com base em alguma crença e imposição de valores, colocando um país ou uma ideologia acima de tudo, reduz as noções de individualidade e de liberdades, o que para muitas pessoas acabava por ser algo positivo, por retirar sua “capacidade de assumir a responsabilidade moral por suas ações” (Evans, 2018, p. 138). É o que Martins de Souza, Martins e Saraiva (2019) vão chamar de desumanização dos sujeitos, que ocorre quando as pessoas abrem mão da liberdade e pressionam para que ela seja arrancada também dos outros, de modo a tornar todas as peças dentro de uma engrenagem. Desta forma, elas passam a somente cumprir ordens, atribuindo a um líder político ou até mesmo religioso, o direito de tomar decisões por elas, retirando de si as responsabilidades que cabem a todos os seres humanos.

Hitler fazia discursos de ódio e promovia exclusões, genocídios, perseguições e outras práticas semelhantes contra pessoas que não se enquadrassem em suas lógicas racistas e ditatoriais de legitimação ou que divergissem dele (Evans, 2018). Enquanto os discursos de ódio contra todos os que pensavam e viviam de modo diferente eram disseminados entre os militantes nazistas progressivamente transformados em milícias do regime, muitas outras pessoas tentavam seguir suas vidas em meio a este cenário. Como afirma Eco (2019), para manter seus correligionários e apoiadores ativos, os regimes fascistas criam frequentemente novas narrativas de supostas conspirações engendradas contra si próprios e contra os países que dizem amar e defender, o

que também serve para legitimar suas ações.

Eco (2011), na obra literária *O cemitério de praga*, antecipa as esdrúxulas teorias da conspiração presentes nos discursos de Hitler e de outros líderes nazistas e mistura, com fina ironia, personagens e narrativas históricas fictícias. Assim, por exemplo, aborda sobre os Protocolos dos Sábios de Sião, comprovadamente uma fraude narrativa, criada na Rússia czarista e utilizada pelos nazistas para disseminar junto à opinião pública a visão de que os judeus seriam inimigos do povo alemão, conspirando para tomar o poder e dominar o mundo.

Nas memórias do pós-guerra temos livros de diversos escritores sobre o tema, como o alemão Bernhard Schlink (2009), problematizando as culpas nas memórias das gerações que sucederam a Segunda Guerra, ou obras de sobreviventes como Primo Lévi (2015) e de Anne Frank, morta em um campo de concentração (1994), narrando os tormentos vivenciados pela perseguição aos judeus, obrigados a viver em esconderijos ou levados à força para serem massacrados e torturados nos campos de concentração.

Ao refletir sobre as memórias pós-Segunda Guerra, Jaspers (1998) dialoga quanto ao peso da culpa sobre as gerações que vivenciaram a guerra, classificando como culpa jurídica, culpa moral ou culpa religiosa. Para ele, muitos que comemoraram e/ou apoiaram a ascensão de Hitler não teriam como ser acusados criminalmente, mas teriam de responder à própria consciência ou às suas crenças – e também à sociedade – pelas culpas moral e religiosa, posto que teriam contribuído para que o ódio, a tortura, a perseguição e o massacre viessem a ser transformados em política de Estado.

Ericksen (2012) afirma que ante o avanço do autoritarismo nazista liderado por Hitler, as igrejas cristãs se viram envolvidas em sérias controvérsias, sobretudo no pós-Segunda Guerra, por suas ações e motivações em diversas formas de apoio a um regime que promoveu massacres e atrocidades. O autor argumenta que algumas prontamente cumprimentaram positivamente o regime, enquanto outras claramente se manifestaram contrárias, por entenderem que se opunha aos valores que apregoavam.

Os triângulos roxos, por exemplo, foram então impostos pelos nazistas aos membros das Testemunhas de Jeová para identificá-los e discriminá-los, por haverem se manifestado contrários a toda e qualquer forma de violência (por isso foram aconselhados a não fazer o alistamento militar para a guerra, por exemplo). Já o pastor luterano Martin Niemöller, inicialmente saudou Hitler, contudo, após uma reunião com este em 1934, mudou sua visão sobre o tema, passando a ser uma liderança importante do movimento cristão contrário ao nazismo, denominado Igreja Confessional, sofrendo assim perseguição político-religiosa (Munson, 2018).

Algumas lideranças de igrejas cristãs manifestaram entusiasmo e apoio ao nazismo, mas viram seus membros se dividirem entre o silêncio, apoio ou oposição em diversos lugares da Alemanha e da Europa, de forma que é importante refletirmos sobre o tema, para compreendermos as complexidades e responsabilidades das ações e decisões de grupos humanos em tempos marcados pelo horror, massacres e ódio, de forma a ser possível pensar sobre novos regimes e eventos autoritários e totalitários na História.

2 Tempos de decisões na Primeira Guerra

O Manual da IASD existe desde 1932 no formato atual e é um livro usado como uma obra de referência e orientação sobre as crenças e o funcionamento da igreja. A versão atual define que a IASD é comprometida com os “princípios de unidade espiritual da igreja de Cristo. Mediante a paz e o poder que a justiça de Cristo traz, a igreja se compromete a vencer todo obstáculo que o pecado erigiu entre os seres humanos” (Manual, 2011, p. 25).

Segundo o Manual, a IASD é organizada em uma estrutura “de baixo para cima” que visa organizar o funcionamento e manter a unidade e começa na igreja local; depois a Associação ou Missão responsável por um conjunto de igrejas de uma sub-região; em seguida existem as Uniões que reúnem as associações de uma região; e a Associação Geral, que possui seções espalhadas pelo mundo, denominadas Divisões (The Conference, 1932). As decisões máximas da igreja são tomadas a cada 4 anos em uma reunião dos delegados de todo o planeta, denominada de Conferência Geral, onde também são definidos os planos

estratégicos globais para o quadriênio e o novo presidente mundial. Sempre que necessário, em assembleias, a IASD vota documentos que se referem ao entendimento da igreja sobre temas importantes do momento, as Declarações da Igreja.

Funcionando como uma seção da Associação Geral, em consonância com as decisões desta, as divisões, como a Divisão Sul-Americana (DSA), votam documentos de orientação aos membros, sobre temas já apreciados em reuniões com os líderes mundiais. Assim, a *Revista Adventista* publicou a declaração da DSA sobre “Os Adventistas e a política” (Os adventistas, 2017), na qual se afirma que a IASD acredita na separação entre igreja e Estado, para que todos possam viver suas crenças com independência e liberdade e afirma que ela não possui candidatos políticos, não faz indicações para voto e nem se envolve com a política partidária em qualquer sentido, enquanto instituição. Também afirma que, quando houver conflitos entre o que se acredita ser a vontade de Deus e uma decisão de um governo, buscar-se-á obedecer a Deus, ainda que os seus membros sejam orientados a serem cidadãos respeitosos da lei e do Estado de direito. Assim, a IASD:

Reconhece as obrigações do exercício da cidadania, mas não possui nem mantém partidos políticos, não se filia a eles, tampouco repassa recursos para atividades dessa natureza. Por adotar uma postura apartidária, respeita as autoridades constituídas, mas não participa de qualquer atividade político-partidária (Os adventistas, 2017).

O documento reforça que a IASD não autoriza o uso de seus espaços físicos ou a ação de nenhum de seus servidores, incluindo pastores, para qualquer atividade partidária, uma vez que se define como instituição apartidária e defensora da liberdade religiosa, de forma que nenhum membro ou liderança é autorizado a associar o nome, as estruturas físicas, canais ou redes sociais da instituição para ações de política partidária, reiterando que reconhecem os poderes constituídos, mas que se colocam sempre ao lado da lei de Deus, quando há confronto.

Quando começou a Primeira Guerra, na análise de Schwarz (2012) em *Portadores de luz*, publicado pela Asociación Casa Editora Sudamericana (uma das editoras pertencentes a IASD), a igreja não tomou posicionamento imediato

sobre o alistamento militar de seus membros, se deveriam ou não ir, ou se assumiriam a posição não aceita na Alemanha nazista, de não portadores de armas.

Schwarz (2012) considera que as lideranças, sem se deter em uma análise mais profunda dos eventos, se apressaram em associá-los à crença na segunda vinda iminente de Jesus e assim adotaram a postura de pregar o evangelho de forma urgente:

Dirigentes de la iglesia y la feligresía en general interpretaban en forma semejante las ominosas nubes bélicas como nuevas señales del segundo advenimiento. Preocupados por una nueva urgencia para preparar a familiares y amigos para ese evento culminante, dedicaban poco tiempo o esfuerzo para considerar los efectos del conflicto global sobre la organización adventista o sobre los miembros de iglesia en particular (Schwarz, 2012, p. 364).

A crença na segunda vinda de Cristo à Terra para levar à morada divina os que aceitaram a salvação em Jesus e para condenar definitivamente os que rejeitaram é fundamental para os adventistas do sétimo dia, de forma que está impressa no nome da igreja. No livro *Nisto Cremos*, da Associação Geral da IASD “A Segunda vinda de Cristo” é apontada atualmente como a 25ª crença (Associação, 2008) que já era aceita pelos adventistas desde a fundação oficial da igreja, em 1860. No *Year Book* da IASD de 1931, pode ser encontrada como sendo a 20ª crença da IASD:

20. That the second coming of Christ is the great hope of the church, the grand climax of the gospel and plan of salvation. His coming will be literal, personal, and visible. Many important events will be associated with His return, such as the resurrection of the dead, the destruction of the wicked, the purification of the earth, the reward of the righteous, the establishment of His everlasting kingdom. The almost complete fulfillment of various lines of prophecy, particularly those found in the books of Daniel and the Revelation, with existing conditions in the physical, social, industrial, political, and religious worlds, indicates that Christ's coming “is near, even at the doors”. The exact time of that event has not been foretold. Believers are exhorted to be ready. for “in such an hour as ye think not, the Son of man” will be revealed. Luke 21:25-27; 17:26-30; John 14:1-3; Acts 1:9-11; Rev. 1:7; Heb. 9:28; James 5:1-8; Joel 3:9-16; 2 Tim. 3:1-5; Dan. 7:27; Matt. 24:36, 44⁴ (Fundamental, 1931, p. 380).

⁴Em tradução livre: Que a segunda vinda de Cristo é a grande esperança da igreja, o grandioso clímax do evangelho e do plano de salvação. Sua vinda será literal, pessoal e visível. Muitos eventos importantes estarão associados ao Seu retorno, como a ressurreição dos mortos, a destruição dos ímpios, a purificação da Terra, a recompensa dos justos e o estabelecimento do Seu reino eterno. O cumprimento quase completo de várias linhas de profecia, particularmente aquelas encontradas nos livros de Daniel e Apocalipse, com as condições existentes nos mundos físico, social, industrial,

Desde que se institucionalizou oficialmente como igreja, em 1860 (Maxwell, 1982), a IASD apregoa a volta de Jesus, e seus membros buscam se preparar para este dia como o epicentro de sua mensagem, que deve ser levada a todas as pessoas do planeta e é uma crença que permanece até hoje como muito importante para os adventistas (Associação, 2008). A Igreja Adventista acredita, portanto, que à segunda vinda de Jesus está próxima e que eventos como grandes calamidades se constituem em sinais de sua proximidade temporal. Esta posição é reforçada quando ocorrem grandes acontecimentos na História, como guerras mundiais, grandes catástrofes naturais ou pandemias, fazendo crescer em uma parte da igreja o sentimento de que a volta de Jesus é iminente.

Schwarz (2012) é um pesquisador respeitado entre os adventistas, sobre a história da igreja (foi vice-presidente da principal universidade adventista do mundo, a Andrews University) e argumenta que a pressa em associar os grandes eventos da História à segunda vinda de Cristo pode levar a posicionamentos inadequados, como teria ocorrido durante a Primeira Guerra Mundial.

Para Richards (1993), a associação de grandes eventos da História ao final dos tempos históricos conhecidos está presente em diversos movimentos religiosos desde a Idade Média, sobretudo quando envolvem muitas mortes em pandemias ou grandes guerras. Estes movimentos ficaram conhecidos como milenaristas e se constituem em segmentos religiosos (por exemplo sob a forma de igrejas) que creem no fim deste tempo histórico e em seu recomeço, a partir de algum evento que funcione como um rito de passagem para um novo momento marcado pela perfeição, felicidade plena e superação do mal (Delumeau, 1997).

Neste sentido, a crença adventista na segunda vinda de Cristo, também presente em diversas outras igrejas cristãs, aproxima-se desta definição. O estudo da escatologia bíblica relacionada à redenção final na volta de Jesus é muito importante para a IASD. Mas, na concepção de Schwarz (2012), a pressa em enxergar a volta iminente de Jesus causou alguns problemas para a igreja em momentos importantes da História, como durante a Primeira Guerra, porque

político e religioso, indica que a vinda de Cristo está próxima, sim, às portas". A hora exata desse evento não foi predita. Os crentes são exortados a estar prontos, pois "na hora em que não pensais, o Filho do homem" será revelado" [aspas presentes no texto original e foram colocadas para indicar que são frases retiradas de textos bíblicos].

dificultou um debate mais profundo que possibilitasse uma percepção político-sociológica mais ampla sobre os acontecimentos. Como é afirmado nas *Fundamental Beliefs*, a IASD não acredita haver revelação bíblica sobre a data do retorno de Cristo, por isso ela não aconselha seus membros a desenvolver estudos neste sentido, e sim a acompanhar os acontecimentos e se preparar para a volta de Jesus (Fundamental, 1931).

Schwarz (2012) explica que frente ao receio de se verem impedidos de pregar suas mensagens e de desenvolver as atividades da igreja no país, o presidente da União da IASD da Alemanha enviou no dia 04 de agosto de 1914, uma carta ao Ministro da Guerra informando que os membros da igreja portariam armas como combatentes e que prestariam serviços militares no dia de sábado. Esta carta provocou controvérsias, e muitos dos membros da IASD se recusaram cumprir o que constava no documento enviado por este líder, o que provocou a proibição das atividades da igreja na Alemanha.

Anos depois, em 1923, em uma reunião de Concílio, dirigentes da igreja de toda a Europa decidiram que não se recomendava aos membros portar armas no exército e nem que executassem qualquer trabalho de caráter não humanitário em dia de sábado. Schwarz (2012) lembra que os mesmos dirigentes da Alemanha estavam presentes nesta reunião e reconheceram que erraram em 1914.

A controvérsia em torno da guarda do sábado ocorreu devido a importância do tema para os adventistas. A guarda do sábado permanece até hoje como uma das crenças fundamentais da IASD, a 20ª crença (Associação, 2008), e constava desde a organização da igreja, em 1860, bem como na primeira compilação das crenças (Fundamental, 1931) como a 7ª crença fundamental da IASD e, assim como ocorre em relação a segunda vinda de Cristo, consta no nome da igreja.

Os adventistas acreditam que a guarda do sábado é o 4º mandamento entre os Dez Mandamentos, de acordo com o capítulo 20 do livro de Êxodo, e que devem se abster de trabalhos seculares neste dia, mantendo-se somente atividades religiosas e trabalhos humanitários:

7. That the fourth commandment of this unchangeable law requires the observance of the seventh day Sabbath. This holy institution is at the same time a memorial of creation and a sign of sanctification, a sign of the believer's rest from his own works of sin, and his entrance into the rest of soul which Jesus promises to those who come to Him: Gen. 2:1-3; Ex. 20:8-11; 31:12-17; Heb. 4:1-10⁵ (Fundamental, 1931, p. 377).

Como apontado nas *Fundamental Beliefs*, a guarda do sábado é importante para a igreja e por isso não deveria ser alterada por quaisquer determinações ou eventos, pois os adventistas acreditam que foi instituída por Deus na criação e válida para todas as pessoas e em todas as épocas. Assim, o concílio europeu de lideranças da IASD, realizado em 1923, reconheceu que fora cometido um erro em 1914, pois servir ao país não poderia ser colocado acima do que se acredita ser a obediência a Deus. Este problema ocorrido na Alemanha durante a Primeira Guerra é importante, por colocar em questão quais os princípios que devem ser seguidos ou eventualmente suspensos em tempos excepcionais, como uma guerra, um problema que vai reaparecer menos de duas décadas depois, no mesmo país.

3 Tempos de decisões diante do horror nazista

O advento da Segunda Guerra Mundial levou o mundo a assistir aos massacres, como a máquina de assassinatos e violações de direitos perpetrada pelo nazismo. Quando Hitler ascendeu ao poder, em 1933, provocou controvérsias em diversos setores que muitas vezes ignoraram que em seus discursos ele prometia o que infelizmente o regime veio a concretizar: genocídio, discriminação, perseguição e políticas voltadas para a morte e o racismo (Evans, 2018).

Na análise de Jaspers (1998) este cenário fez com que, após a guerra, quando os carrascos nazistas foram condenados, as culpas envolvessem diversos sujeitos, segmentos e instituições da sociedade, que até hoje se veem obrigados a explicar por que apoiaram em algum momento e de algum modo o nazismo ou por que permitiram que os massacres ocorressem em seu tempo e espaço. Bingemer (1996) argumenta que o Holocausto trouxe o massacre como uma

⁵ Em tradução livre: “Que o quarto mandamento desta lei imutável requer a observância do sábado do sétimo dia. Esta sagrada instituição é ao mesmo tempo um memorial da criação e um sinal de santificação, um sinal do descanso do crente de suas próprias obras de pecado e sua entrada no descanso da alma que Jesus promete àqueles que vêm a Ele”.

forma de política oficial e dificuldades em falar em Deus nas décadas seguintes, pois, em sua concepção, naquele momento se iniciou uma ruptura na História a partir da afirmação de que o ser humano é capaz de fazer e/ou defender todos os tipos de atrocidades contrárias à ética cristã que muitas vezes se diz professar.

A máquina de morte, posta em movimento no Holocausto, envolveu os sujeitos e instituições de seu tempo, levando a mal-entendidos e culpas e com eles a construção de silenciamentos, bem como tentativas de apagamentos das memórias (Seligmann-Silva, 2003). Pingel (2015) afirma que, passadas algumas décadas, as gerações mais jovens da Alemanha passaram a estudar cada vez mais o tema e a pressionar para que as memórias recônditas fossem manifestas publicamente, para que viesse a público o que permanecia escondido ou silenciado.

Em 2011, a ANN noticiou o reconhecimento dos erros cometidos durante a Segunda Guerra Mundial e o consequente pedido de perdão, enviado pela União Adventista da Alemanha, por sua omissão ou apoio a Hitler antes da guerra, chegando até mesmo, ao ponto de divulgar ideias antissemitas. A pressão dos membros e de lideranças pelo reconhecimento público dos erros e a consistente e decidida atuação de pessoas como Daniel Heinz, arquivista da Universidade Adventista Friendsau, na Alemanha, levou a elaboração do documento, que foi aprovado pelos principais dirigentes da IASD no país, publicado em 2005⁶ e noticiado em reportagem da ANN, feita por Kellner (2005):

We deeply regret that the character of National Socialist dictatorship had not been realized in time and distinctly enough, and the ungodly nature of [Nazi] ideology had not clearly been identified," the statement, as translated from German, reads. The church says it also regrets "that in some of our publications ... there were found articles glorifying Adolf Hitler and agreeing with the ideology of anti-semitism in a way that is unbelievable from today's [perspective] (Kellner, 2005).⁷

⁶ O documento também foi enviado ao Instituto Yad Vashem, que foi criado pelo governo de Israel em 1953, com o objetivo de incentivar e desenvolver pesquisas sobre o Shoah ou Holocausto, e também homenagear, como eles mesmos definem, uma minoria de pessoas não judias ou organizações que arriscaram suas vidas para salvar judeus dos massacres nazistas. Outro papel do instituto é celebrar e homenagear os mártires e heróis do Holocausto. Sobre o tema, consultar a página do instituto, em Yad Vashem (s.d).

⁷ As aspas dentro da nota estão presentes no texto original. Em tradução livre: "Lamentamos profundamente que o caráter da ditadura nazista não havia sido percebido em tempo e de modo suficientemente claro, e a natureza pagã da ideologia [nazista] não havia sido devidamente identificada", assim se lê a declaração, como foi traduzido do alemão. A igreja diz que também lamenta "que em algumas de nossas publicações ... se encontraram artigos glorificando Adolf Hitler e concordando com a ideologia do antissemitismo em uma forma que é incrível a partir de hoje [em perspectiva].

Em um artigo publicado na página da Andrews University, Alomía (2010) afirma que, de novembro a dezembro de 1933, o regime nazista banuiu a IASD e proibiu suas atividades na Alemanha. O autor considera que, quando teve a permissão para retomar suas atividades no país, a IASD passou a cortejar os nazistas, em uma campanha de relações públicas que usou as publicações oficiais da igreja para congratular o governo e fazer associação entre princípios bíblicos e políticas nazistas sobre saúde. Na verdade, a preocupação dos nazistas com a saúde, diferentemente das crenças adventistas, se alinhava com as políticas eugênicas e não com fatores religiosos (Ericksen, 2012).

Horácio (2020) problematiza que os regimes totalitários promoveram a mistura entre os conceitos de religião e política. Esta mistura leva ao que já foi chamado por alguns historiadores, como Lenharo (1986) em seu estudo sobre a Era Vargas no Brasil, de sacralização da política, quando esta passa a ser vista como um campo para as disputas morais e territoriais de valores relacionados ao cristianismo. Em um estudo que adentra mais nas lógicas que levaram ao envolvimento entre religião e Estado culminando com o totalitarismo, Horácio (2020) considera que nestes regimes, a política de Estado assume o caráter de uma prática religiosa, abrindo caminhos para acordos com instituições cristãs, que muitas vezes vislumbram uma forma de propagar e afirmar suas crenças.

Ericksen (2012), em seu estudo sobre a cumplicidade de igrejas cristãs com o nazismo, aponta como muitas congratularam o novo regime por sua ênfase moralista contrária à República de Weimar ou fizeram concessões que acabaram por, no conjunto, fortalecer o regime. Cabe o questionamento sobre o equívoco admitido pelo documento da IASD, noticiado publicamente pela ANN (Kellner, 2005), em fazer concessões a regimes políticos e governantes para continuar a existir, mas que podem causar impactos profundos sobre instituições de longa existência, por haverem renegado valores humanos fundamentais.

O Manual da IASD (2011) afirma que a igreja, enquanto instituição, não assume posições político-partidárias e que sempre se coloca no apoio humanitário aos sofredores do planeta. De acordo com o Manual, a IASD, enquanto organização cristã, desde sua fundação não permite que seus pastores e outras lideranças se utilizem do nome, dos espaços e/ou da estrutura da igreja

para manifestar apoios políticos a qualquer regime ou líder, ainda que estes se autoidentificassem como cristãos ou até mesmos como membros da igreja.

Em momentos importantes da História diversas instituições e sujeitos muitas vezes esquecem que em um futuro próximo ou mesmo distante, sempre terão de prestar contas de seus atos e que, como afirma o historiador italiano Alessandro Portelli (2006), não se opor ao que é errado nos coloca do lado errado da História.

O documento enviado ao Yad Vashem, a IASD, como uma forma de pedido de desculpas afirma que a igreja na Alemanha, chegou ao ponto de mudar o nome da tradicional Escola Sabatina para Escola Bíblica (Kellner, 2005), para não serem confundidos pelos nazistas com os judeus, a partir de uma referência direta a uma crença em comum com eles que é a sacralidade do dia de sábado, pois os adventistas acreditam que o sábado é extensivo a todas as pessoas de todos os povos (The Conference, 1932).

A Escola Sabatina foi criada oficialmente em 1853 e, desde sua criação, este departamento da igreja é visto como fundamental para estudo da Bíblia e encontro dos membros:

Sabbath School. —The Sabbath school has rightly been called “the church at study”. It is one of the most important services held in connection with our church work. Sabbath by Sabbath our entire membership meet in Sabbath school to study systematically the truths of God's word. The Sabbath school should be attended by every member of the church, old and young, ministers, church officers, and laymen⁸ (The Conference, 1932, p. 153).

Mudar o nome da Escola Sabatina para Escola Bíblica para que os nazistas não confundissem os adventistas com os judeus, por temer vir a perder a liberdade de culto e o patrimônio da igreja não faria sentido, pois, na prática, já se estaria renunciando à liberdade religiosa, ao renegar um aspecto importante da própria fé.

As igrejas locais são organizadas internamente através de subdivisões de

⁸ Em tradução livre: Escola Sabatina. A Escola Sabatina tem sido corretamente chamada de "a igreja estudante". É um dos departamentos mais importantes, desenvolvidos em conexão com o trabalho da nossa igreja. De sábado a sábado, todos os nossos membros se reúnem na Escola Sabatina para estudar sistematicamente as verdades da palavra de Deus. A Escola Sabatina deve ser frequentada por todos os membros da igreja, velhos e jovens, ministros, oficiais da igreja e leigos.

atividades, chamadas de departamentos ou ministérios. Estes são liderados por leigos escolhidos para a função por uma comissão da igreja e atuam no evangelismo, liberdade religiosa, escola sabatina, música, saúde e outros setores considerados importantes para o funcionamento da igreja.

O Departamento de Liberdade Religiosa constava na primeira versão do Manual (The Conference 1932, p. 135), que não detalhava os papéis de cada departamento. Posteriormente, foram feitas versões atualizadas do Manual da IASD, como a atual, que trazem detalhadamente as funções de cada departamento ou ministério, como o de Liberdade Religiosa:

O Departamento de Relações Públicas e Liberdade Religiosa promove e mantém a liberdade religiosa, com particular ênfase na liberdade de consciência. Liberdade religiosa inclui o direito do ser humano de ter ou adotar uma religião de sua escolha, de mudar de crença religiosa de acordo com a consciência, de manifestar sua religião individualmente ou em comunidade com outros crentes, em culto, observância prática, testemunho e ensino, sujeito a respeitar os direitos equivalentes dos outros (Manual, 2011, p. 97).

As lideranças na Alemanha também chegaram a excluir de sua lista de membros (Kellner, 2005) pessoas de origem judaica, o que os colocou em uma situação difícil, pois sem o apoio de sua congregação muitos deles foram mais facilmente arrastados para o horror nos campos de concentração, sofrendo sob as mais diferentes formas de tortura e privações que lhes foram impostas. É preciso destacar que a decisão tomada na Alemanha de excluir membros de origem judaica para não desencadear a perseguição nazista sobre a igreja, não é corroborada no Manual da Igreja (The Conference, 1932, p. 96–101), que não admite qualquer forma de preconceito ou racismo, entre os motivos listados para excluir membros da igreja, mas apenas relacionados a algumas formas de ruptura com a igreja ou de desrespeito público às crenças adventistas.

As decisões tomadas por lideranças – contrárias, portanto, às crenças manifestas e escritas nas obras de referência da igreja –, nos trazem reflexões sobre outros momentos da História e o papel das igrejas cristãs frente a regimes e líderes políticos que em nome de uma suposta concessão de liberdade e segurança, trazem diversas formas de opressão sobre suas populações ou de outros países.

Quando o apelo político passa pela imposição de valores ético-morais sobre toda a população de um país, pode ser uma estratégia para angariar apoio de sistemas religiosos e de indivíduos a regimes autoritários ou totalitários. Para Vattimo (2009), a imposição de valores de qualquer origem a toda a população de um território estaria roubando o direito à diversidade sociocultural e à liberdade religiosa, pois somente estados autoritários e totalitários ao longo da História, ampararam-se na imposição de crenças ou costumes.

De forma diferente, a IASD defende a liberdade religiosa como um direito fundamental de todas as pessoas, escolhendo em cada congregação uma liderança para se dedicar ao tema (The Conference, 1932). Tillich (2004) argumenta que o cristianismo se baseia na conversão/adesão voluntária a um conjunto de crenças e que qualquer associação de instituições cristãs com setores da sociedade, no sentido de impor seus valores à população de uma região ou país, seria o desvirtuamento da ética cristã.

O documento publicado parcialmente em reportagem da ANN agradou os membros atuais e reconhece, como já vimos, graves equívocos praticados por lideranças da igreja na Alemanha durante a Segunda Guerra, mas recorda que são erros pontuais, não apoiados por todos os líderes e, muito menos, por todos os fiéis, visto que muitos deles arriscaram ou mesmo perderam suas vidas para salvar centenas de pessoas, sobretudo judeus perseguidos pelo nazismo (Kellner, 2005).

Os adventistas que se arriscaram para salvar pessoas do Holocausto foram celebrados e lembrados no século XXI, conforme a reportagem da ANN, para reforçar a necessidade de outros membros da igreja de não hesitarem, se necessário for, em arriscar suas vidas para salvar pessoas, diante da escalada de quaisquer políticas que atentem de algum modo contra a vida humana, como a perseguição étnica, racial, social e religiosa, conforme é proclamado na Declaração da igreja que visa reiterar os valores fundamentais da igreja sobre o tema (Seventh-Day, 2020).

Arendt (1999), em seu estudo sobre *Eichmann em Jerusalém*, argumenta que a banalidade e até mesmo a estupidez de Adolf Eichmann, um burocrata

nazista, destacam de forma dramática, a banalidade do mal praticada não apenas na estrutura dos estados por monstros ou facínoras, mas também cotidianamente por pessoas comuns que em nome de sistemas e líderes políticos ou religiosos confiam um fundamento básico dos seres humanos que é a liberdade de tomar decisões e fazer escolhas, para um regime ou um governante.

É importante destacar que apesar dos problemas ocorridos na Alemanha, muitas lideranças adventistas, inclusive neste país, arriscaram suas vidas para salvar judeus do Holocausto (Schwarz, 2012), implementado por um regime que, como afirma Evans (2018), angariou apoio de multidões que, ressalte-se, não representavam a maioria da população do país, fazendo discursos de ódio contra judeus, homossexuais, ciganos, pessoas com deficiência, neuroatípicos, negros, comunistas, sociais-democratas.

4 Tempos de resistência ao Holocausto

A IASD na Alemanha admitiu, como vimos, sérios erros cometidos por suas principais lideranças e pediu perdão em um documento enviado ao Yad Vashem, mas também teve diversos de seus membros homenageados e reconhecidos por este instituto por suas atividades em busca de ajudar a salvar judeus do Holocausto. Pastores, funcionários de órgãos oficiais da igreja, anciãos e outras lideranças da igreja, bem como outros membros, se empenharam em redes de apoio que se organizaram para possibilitar que pessoas pudessem escapar de massacres e torturas promovidos pelos nazistas.

O Museu em Memória do Holocausto, em Washington-EUA, possui uma enciclopédia virtual sobre o tema, em que aparecem os verbetes sobre dois irmãos, Gabrielle e Johan Weidner⁹, filhos de um pastor, destacados por seus esforços humanitários em sua busca por salvar judeus na Segunda Guerra.

Ambos nasceram em 1914, em Bruxelas, Johan em 1912 e Gabrielle em 1914, ela trabalhava como secretária da União Franco-Belga da Igreja Adventista

⁹ O Museu em Memória do Holocausto, dos Estados Unidos, sediado em Washington D.C. possui além do espaço físico aberto para visitação e atividades escolares, uma enciclopédia virtual que oferece material para consulta e pesquisa e também homenageia a memória daqueles que se arriscaram ou morreram para salvar pessoas, sobretudo judeus, dos massacres nazistas. Consultar United States Holocaust Memorial Museum ([s. d.]a) e United States Holocaust Memorial Museum ([s. d.]b).

e quando viu eclodir a guerra, a partir da invasão da Polônia pelos nazistas, logo se envolveu como liderança na construção da rota Holanda-Paris, contando com apoio de diversos membros da igreja. Esta rede auxiliava judeus e refugiados políticos para que pudessem fugir da perseguição nazista, mas em 1944, durante um culto na IASD, ela e mais 140 outros membros da igreja, que atuavam na rota Holanda-Paris, foram presos pela Gestapo, após serem delatados por um colega, interrogado sob tortura.

Ainda segundo a Enciclopédia do Museu em Memória do Holocausto, dos Estados Unidos, seu irmão, Johan, um administrador formado na Universidade Adventista Salève-França, havia prosperado com sua empresa de importação de têxteis, em Paris, mas, quando viu a invasão de Paris pelos nazistas, mudou-se para Lyon para organizar as atividades da rede Holanda-Paris. Ele foi preso pela Gestapo em 1943, não denunciou seus colegas, nem mesmo sob tortura, e pulou do trem que o levava para os campos de concentração, caminhando até Paris.

Gabrielle foi assassinada pelos nazistas nos campos de concentração, mas Johan sobreviveu e foi homenageado com a Medalha da Liberdade, concedida pelo governo dos Estados Unidos. Também foi homenageado pelo Yad Vashem, lhe sendo concedida a honra de plantar uma árvore na Avenida Justo entre as Nações, em Jerusalém (Karimabadi, 2019), o reconhecimento máximo concedido por Israel, por seus esforços para ajudar a salvar judeus do Holocausto.

O artigo de Karimabadi (2019), publicada na *Revista Adventista*, defende que mesmo a morte de Gabrielle vale a pena, porque Deus estaria com aqueles que têm coragem de fazer o que Ele espera que façam, e incentiva os leitores, a maioria membros da igreja, a enfrentar o que for necessário, como os Weidner, em outros momentos da História.

Alunos e professores da Universidade Adventista Salève foram lembrados com homenagens, que foram noticiadas pela *Revista Virtual Herança Judaica*, por se juntarem aos irmãos Weidner, nas atividades da rota Holanda-Paris, em busca de ajudar dezenas de judeus a escapar dos massacres nazistas:

PLACA COMEMORATIVA: Em destaque, o emblema dos Adventistas do Sétimo Dia e do Yad Vashem, Memorial dos “Heróis” e

Mártires do Holocausto em Jerusalém, placa em memória dos adventistas que ajudaram centenas de judeus e outras pessoas a escaparem da perseguição nazista. A placa está fixada na entrada principal do edifício escolar da Universidade Adventista Salève, em Collonges-sous-Salève, França. Mais de seis décadas depois que muitos adventistas do sétimo dia arriscaram e/ou perderam a vida para proteger judeus e outras pessoas vítimas dos nazistas, houve uma cerimônia na Universidade Adventista Salève, em Collonges-sous-Salève, França, cerca de oito quilômetros de distância da divisa da cidade de Genebra, na Suíça. Aproximadamente 500 estudantes participaram do evento. O intuito da escola era prestar reconhecimento aos alunos que desempenharam papel decisivo no resgate de centenas de pessoas perseguidas na Segunda Guerra Mundial. Esses adventistas ajudaram no contrabando de judeus e de outros que se opuseram aos nazistas, do outro lado da fronteira (França, 2008).

Além dos dois irmãos, muitos outros adventistas se envolveram na rota para tentar salvar judeus e refugiados políticos dos nazistas e foram reconhecidos pelas autoridades e pela própria universidade, como uma forma de reforçar nos demais estudantes, algo defendido por Tillich (2004), que é fato de o que se entende por amor cristão, ser algo teologicamente prático e não apenas um discurso sobre um ideal de vida. Alguns dos membros da rota Holanda-Paris, como os Weidner, foram presos, ou até mesmo mortos, como Gabrielle, mas as memórias de seus esforços são renovadas em eventos da Universidade Adventista Salève, como o realizado em 2008, onde foi lida a carta enviada pelo Embaixador de Israel, reforçando a homenagem em memória aos estudantes:

Concluindo sua carta aos organizadores da cerimônia, Itzhak Levanon, embaixador de Israel para as Nações Unidas em Genebra, escreveu: “Que os atos de coragem de Emile Bernard, Yvonne Bernard, Jean Weidner, Frederic Charpiot, Jean Lavanchy, Raymond Meyer, Jean Zurcher, doutor Pierre Toureille, bem como de todos os estudantes do campus e de todos os ‘Justos entre as Nações’, continuem gravados em nossa memória para sempre e sejam inspiração e modelo de bondade e solidariedade para o futuro da humanidade” (França, 2008).

O reforço às memórias funciona como um elemento para demarcar identidades e ao mesmo tempo definir uma linha de conduta que deveria ser adotada por outras pessoas em outros momentos. Relembrar as atividades dos jovens estudantes de Salève e dos irmãos Weidner reforça, como argumenta Portelli (2006), uma memória que tem impacto no tempo presente, pois permite trazer ideias sobre condutas e o que se espera dos atuais e futuros estudantes diante de eventos traumáticos, onde a vida de seres humanos é posta em risco por regimes autocráticos.

Outro caso importante a ser mencionado é o trabalho do Pr. Laszlo Michnay, que atuava como presidente da União Adventista da Hungria e que convenceu os fiéis de suas congregações a abrigarem em suas casas judeus, para protegê-los da perseguição nazista (Hancock, 2004). Os membros das congregações adventistas na Hungria logo se envolveram nesta rede, mesmo com os riscos que corriam juntamente com suas famílias, pois acreditavam que deveriam agir assim, seria o que Deus esperaria deles. O pastor também plantou uma árvore no Jardim dos Justos entre as Nações e recebeu uma placa do Yad Vashem, por se arriscar em defesa dos judeus durante a Segunda Guerra:

The basement of the Budapest Adventist Church and the attic of the nearby Michnay home hid many Jews. Others were billeted in a network of safe houses belonging to Adventist ministers in country areas. As a result of the care they received, many Jews became Christians. One was Yehudit Carmeli, who was baptized in Israel 50 years after the Michnays helped her family. “Those who read this story should take courage”, she says. “Keep planting the seeds of the gospel through words and deeds. One day, God will make that seed sprout and grow”. ... Last year, Pongrass and her daughter placed a commemorative plaque in the Sydney Jewish Musuem: “In memory of my father – Laszlo Michnay – honored at Yad Vashem as righteous among the nations for risking his life to save Jews during the Holocaust in Hungary. Dedicated by Clara Pongrass and family”¹⁰ (Hancock, 2004).

Cada família adventista que salvava pessoas da perseguição que sofriam naquele momento, colocava em risco suas próprias vidas e de seus próprios familiares. Retomando a visão de Portelli (2006) sobre o tema, se não agissem para tentar salvar as pessoas, inclusive se utilizando da estrutura física da igreja, poderiam se colocar em consonância com o arbítrio, ao se omitir de ajudar os judeus e outros perseguidos pelos nazistas. O reconhecimento do Pr. Laszlo Michnay como Justo Entre as Nações, uma homenagem concedida pelo Yad Vashem, foi celebrado pelos adventistas e noticiado em reportagem da ANN, uma agência que tem ampla circulação e visibilidade nos meios de comunicação da igreja, incluindo a rede de emissoras de televisão, como no Brasil, a TV Novo Tempo, o que reforça a importância destas memórias para a igreja.

¹⁰ Em tradução livre: “O porão da Igreja Adventista de Budapeste e o sótão da casa vizinha de Michnay escondiam muitos judeus. Outros foram alojados em uma rede de casas seguras pertencentes a ministros adventistas em áreas rurais. Como resultado do cuidado que receberam, muitos judeus se tornaram cristãos. Uma delas foi Yehudit Carmeli, que foi batizada em Israel 50 anos depois que os Michnays ajudaram sua família. “Quem lê esta história deve ter coragem”, diz ela. “Continue plantando as sementes do evangelho por meio de palavras e ações. Um dia, Deus fará aquela semente germinar e crescer”. ... No ano passado, Pongrass e sua filha colocaram uma placa comemorativa no Museu Judaico de Sydney: “Em memória de meu pai - Laszlo Michnay - homenageado no Yad Vashem como Justo entre as Nações por arriscar sua vida para salvar judeus durante o Holocausto na Hungria. Dedicado por Clara Pongrass e família”.

A ação dos adventistas na Hungria se aproxima da reflexão proposta por Bauman (2014), em *Cegueira moral*, quando discute sobre as decisões tomadas sob pressão do risco de violência imposta por governos autocráticos. Ele pergunta qual seria a resposta de alguém que visse uma criança judia pedir ajuda em sua casa no meio da noite, durante a Segunda Guerra, sabendo que, ao não ajudar, estaria consentindo com seu assassinato; mas, ao ajudar, colocaria em risco toda a sua família.

Estas pessoas colocaram em segundo plano os riscos que corriam, bem como seus familiares, pois consideraram que a ética cristã os impedia de se omitirem (Hanconck, 2004). Arendt (1999) afirma que, quando o mal se banaliza no cotidiano e as pessoas abrem mão da capacidade humana de tomar decisões, a sociedade tem um caminho aberto para que governos autoritários ou totalitários imponham políticas de morte, através dos apoios manifestos, tácitos ou pela omissão das instituições e sujeitos em ajudar as pessoas que estão sendo perseguidas e até mesmo assassinadas, contudo estes adventistas da Hungria foram reconhecidos pelo Yad Vashem por não se omitirem diante do Holocausto.

Considerações finais

Quando a morte e os discursos de ódio enquanto política de Estado passam a fazer parte do cotidiano de um grande país como a Alemanha, é o momento de se repensar as posturas adotadas e quais são os valores que realmente importam e em que se baseia o cristianismo. O que leva os cristãos a se dirigirem às suas congregações? Qual o significado concreto de suas crenças? Qual o papel das diferentes igrejas diante de regimes que colocam a vida humana em segundo plano para que se possa evidenciar algum discurso moralizante ou de fervor patriótico, como ocorreu na Europa?

Como sustentar a defesa da ética e da moral cristãs ante o silenciamento ou colaboração com um regime totalitário que provocou o massacre e expurgo de milhões de pessoas com agressivos discursos racistas, preconceituosos e genocidas? O que de fato vem a ser o cristianismo institucionalizado?

Estas são algumas das perguntas possíveis quando se pensa o papel das

igrejas cristãs para com a sociedade e como devem se posicionar ou não diante de regimes, líderes e governos, como o de Hitler, que defendem o retorno aos valores tradicionais, agradando a diversos setores, enquanto propagam o ódio e a perseguição contra os opositores, transformando a vida humana em algo de menor importância em sua busca por trazer supostos valores maiores.

Que valores se sustentam ante a construção de massacres e o ódio contra amplos segmentos da sociedade? A imposição de valores sobre outras pessoas que não partilham das mesmas crenças coloca em xeque algo que a IASD defende, que é a liberdade religiosa (The Conference, 1932). As contradições que então ocorreram entre as crenças e ideais defendidos pela Igreja e as posições adotadas pela liderança da denominação na Alemanha, forçam a reflexão sobre a importância de se defender o direito à vida e à liberdade, bem como manter os princípios relativos à dignidade humana, independentemente dos contextos históricos parecerem favoráveis ou não, até porque não é possível se esconder da História, mesmo que décadas tenham se passado.

Apesar de concessões de lideranças à Alemanha nazista, muitos membros da Igreja Adventista se opuseram com veemência ao nazismo e suas práticas e discursos racistas e de ódio, chegando até mesmo a ser perseguidos e mortos por suas ações em defesa das vítimas do regime. É a complexidade da História que leva a necessidade de as instituições debaterem amplamente as decisões que tomam, fazer uma leitura menos dogmatizada do modo, para compreender o contexto e agir de acordo com suas crenças, assumindo um lugar mais adequado nas dinâmicas históricas do que posteriores pedidos de perdão por graves erros cometidos. Vattimo (2009) nos provoca a pensar sobre sérios problemas que podem ocorrer quando o cristianismo institucionalizado é colocado, em muitos casos, acima das liberdades humanas mais fundamentais, violando consciências e atropelando as bases da fé ensinada e vivida por Cristo.

A rápida sucessão dos acontecimentos, bem como as ideologias pautadas no ódio e violência que passaram a circular desde então, exigiam respostas rápidas, não somente de governos dos estados nacionais, como também das diversas instituições. Seria necessária, portanto, uma consistente e rápida análise do novo contexto para conseguir compreendê-lo. A hesitação e/ou a visão

equivocada poderiam levar as instituições, como as igrejas, ao risco de verem seus nomes associados nas memórias e na História às práticas que não condiziam com o que apregoavam e se verem obrigadas a responder por suas decisões nas décadas seguintes.

As mudanças no tempo e a análise dos eventos batem às portas, lembrando-nos que, ainda que legitimados por amplos segmentos ou mesmo governos, todos em algum momento têm um encontro marcado com a História em sua própria geração ou nas seguintes.

REFERÊNCIAS

ALOMÍA, Harold. **Fatal Flirting: The Nazi State and the Seventh-day Adventist Church Fatal Flirting: the Nazi State and the Seventh-day Adventist Church**. Berrien Springs: Andrews University, 2010. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1042&context=jams>. Acesso em: 29 jun. 2021.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém** – um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ASSOCIAÇÃO Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Nisto cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. 8. ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na sociedade líquida moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

BINGEMER, Maria Clara Luchetti. Como falar em Deus depois do Holocausto: reflexões de uma católica. **Cultura Teológica**, São Paulo, n. 15, p. 35-39, 1996.

CANGI, A. Imagens do horror. Paixões tristes. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes**. 2. ed. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2003, p. 139-169.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade: uma história do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ECO, Umberto. **O cemitério de Praga**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

ERICKSEN, Robert. **Complicity in the Holocaust: churches and universities in Nazi Germany**. Cambridge: Cambridge University, 2012.

EVANS, Richard J. **Terceiro Reich na história e na memória**: novas perspectivas sobre o nazismo, seu poder político, sua intrincada economia e seus efeitos na Alemanha do pós-guerra. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

FRANÇA: Universidade Adventista Salève. **Revista Virtual Herança Judaica**, 18 de março de 2008. Disponível em: <https://herancajudaica.wordpress.com/2008/03/18/franca-universidade-adventista-saleve-honra-alunos-justos/>. Acesso em: 12 jun. 2021.

FUNDAMENTAL Beliefs of Seventh-Day Adventists. In: **Year Book of Seventh-Day Adventist Denomination** – The Official Directories. Washington-DC-EUA: Review & Herald Publishing Association, 1931, p. 377-380.

GAY, Peter. **Modernismo**: o fascínio da heresia – de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GINZBURB, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**: Morfologia e História. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-180.

HANCOCK, Kellie. General Conference – Australia: Pastor recognized as Holocaust hero. **Adventist News Network**, Sidney-Australia, 06 set. 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hUo6Rj4f1FM>. Acesso em: 12 jun. 2021.

HORÁCIO, Heiberle Hirsberg. Fundamentalismo e religião da política: uma possibilidade da política como religião. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, n. 57, p. 1002-1030, set.-dez. 2020.

JASPERS, Karl. **El problema de la culpa**. Barcelona: Ediciones Paidós América, 1998.

KARIMABADI, Wilona. Quando vale a pena pagar o preço. **Revista Adventista**, Tatuí-SP, agosto de 2019, p. 19-23.

KELLNER, Mark A. General Conference – Europe: German, Austrian churches apologize for holocaust actions. **Adventist News Network**, 15 ago. 2005. Disponível em <https://adventist.news/en/news/europe-german-austrian-churches-apologize-for-holocaust-actions>. Acesso em 3 abr. 2021.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1986.

LEVI, Primo. **Assim foi Auschwitz**: testemunhos – 1945-1986. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MANUAL da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 21. ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

MARTIN, Juan. Fé, razão e liberdade: um enfoque bíblico-cristão sobre liberdade de consciência – Do lado certo da História. **Notícias adventistas**, 14 fev. 2019. Disponível em <https://noticias.adventistas.org/pt/coluna/juan-martin/do-lado-certo-da-historia/>. Acesso em 27 jun. 2021.

MARTINS DE SOUZA, César; MARTINS, Leonardo; SARAIVA, Luis Junior Costa. Culpas e traumas no pós-Segunda Guerra em *O leitor*. **Projeto História**, v. 65, p. 100-129, mai.-ago. 2019.

MAXWELL, C. Mervyn. **História do adventismo**. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MUNSON, Henry. Christianity, Antisemitism, and the Holocaust. **Religions**. Basel-Suíça, v. 9, n. 26, p. 1-15, 2018.

OS ADVENTISTAS e a política. **Revista Adventista**, Tatuí-SP, 8 de nov. 2017. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/os-adventistas-e-a-politica/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

PINGEL, Falk. Lidando com o passado “negativo”: o ensino do nacional-socialismo e do Holocausto na Alemanha. In: QUADRAT, Samantha Viz & ROLLEMBERG, Denise (orgs.). **História e memória das ditaduras no século XX** – Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p. 301-323.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 103-130.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação**: as minorias da Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SCHLINK, Bernhard. **O leitor**. 2. ed. Trad. Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SCHWARZ, Richard W. **Portadores de luz**: historia de la Iglesia Adventista del Séptimo Día. Florida: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a História e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória e literatura**: o testemunho na era das catástrofes. 2. ed. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2003.

SEVENTH-DAY Adventist Church. **ONE humanity**: a Human Relations Statement addressing racism, casteism, tribalism and ethnocentrism. Silver Spring-EUA, 15 set. 2020. Disponível em: <https://www.adventist.org/official-statements/one-humanity-a-human-relations-statement-addressing-racism-casteism-tribalism-and-ethnocentrism/>. Acesso em: 02 de jul. 2021.

TILLICH, Paul. **Amor, poder e justiça**. São Paul: Fonte Editorial, 2004.

THE CONFERENCE General of Seventh-Day Adventists. **Church Manual**. Washington-DC-EUA: Review & Herald Publishing Association, 1932. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/resources/churchmanuals/cm1932.pdf>. Acesso em: 02 de jul. 2021.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. ID Card: Dr. Johan Hendrik Weidner. In: **UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM ENCYCLOPEDIA**, [s.d.]a. Disponível em:

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/id-card/dr-johan-hendrik-weidner>.
Acesso em: 04 jul. 2021.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. ID Card: Gabrielle Weidner.
In: **UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM ENCYCLOPEDIA**,
[s. d.]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/id-card/gabrielle-weidner>. Acesso em: 04 jul. 2021.

VATTIMO, Gianni. **Adeus à verdade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

YAD VASHEM. **The Central Database of Shoah Victims' Names**. [s. d.].
Disponível em: <https://yvng.yadvashem.org>. Acesso em: 04 jul. 2021.

ZIZEK, Slavoj. **Alguém disse totalitarismo?** Cinco intervenções no (mau) uso de uma
noção. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.